

Murano

De Veneza para Minas Gerais

Cores vibrantes e formas sinuosas caracterizam os vidros de Murano, fabricados no Brasil por famílias de origem italiana que trouxeram essa tradição para o interior mineiro

Por Laura Folgueira Fotos: Divulgação/Ralcoh

Pode parecer pouco provável que a tradição milenar de fabricação de vidro começada na ilha de Murano, em Veneza, no século XII, viesse estabelecer-se, centenas de anos mais tarde, a quase 10 mil quilômetros de distância, na pequena cidade de Poços de Caldas, em Minas Gerais.

Mas foi esta a cidade que Aldo Bonora, natural de Murano, escolheu quando decidiu vir para o Brasil acompanhado de sua mulher, Maria. Montou ali uma pequena fábrica, e passou a produzir as peças que, quando criança, aprendeu a fabricar na Itália. Não demorou para que Bonora ganhasse dois pequenos aprendizes, naturais da cidade mineira: os irmãos Antônio Carlos e Paulo Molinari.

Ambos são netos de imigrantes italianos que, instalados na mesma região desde meados do

século XIX, trabalhavam no cultivo de café e na produção de doces e vinhos. No começo do século XX, Antônio Molinari, seu pai, fundou a fábrica JM, primeiro negócio da família. Lá, com a ajuda dos cinco filhos, fabricava aguardente e vinho, suprindo o mercado atacadista de toda a região.

"Meu pai fabricava um vinho especial feito com laranja espremida à mão que, ao envelhecer, tinha uma tonalidade da cor do mel. Era muito saboroso. Guardo até hoje a receita", conta Antônio Carlos. Os filhos lavavam as garrafas e engarrafavam as bebidas, além de trabalhar no armazém de secos e molhados da família. Não era só. "Lembro ainda quando todos juntos íamos caçar sapos à noite - especificamente machos e de preferência amarelos - para suprir um laboratório especializado que os utilizava para



Os Molinari aprenderam a fabricar peças em vidro de Murano ainda na infância, e hoje desenham todos os modelos de cristais de sua fábrica, a São Marcos



testes", conta Antônio Carlos. Era mais uma forma de a família incrementar sua renda. Não foi surpresa, portanto, quando a irmã mais velha, Ângela Cristina, começou a ajudar Maria Bonora na venda das peças daquela nova fábrica. Assim como também não o foi quando os dois irmãos menores, Antônio Carlos e Paulo, então com 11 e 8 anos, passaram a ir com a irmã para a fábrica, curiosos para aprender o ofício dos italianos. Em pouco tempo, os irmãos já produziam miniaturas em vidro, como pingentes de colares e enfeites de Natal. "Mestre Aldo acreditou no nosso trabalho e nos deu liberdade para criar", diz Antônio Carlos. Já se comentava, pela cidade, que os irmãos Molinari poderiam ser os discípulos e sucessores do negócio de Bonora. Mas, em 1962, Aldo Bonora decidiu parar, e a fábrica ficou sob o controle de seu irmão, também mestre-vidreiro, Gianinno Bonora. Um pequeno espaço, porém, ficaria reservado para a família Molinari, que criou, então, sua primeira empresa, chamada Antônio Molinari e Filhos Ltda. Como acontecera sempre, toda a família passou a trabalhar no novo empreendimento.

O nascimento de uma nova indústria

Poços de Caldas foi, durante muito tempo, conhecida especialmente por suas águas termais e sulfurosas - que, até o começo do século XX, principalmente, eram remédio para as mais diversas doenças (fossem elas de pele ou mais graves, como pneumonia). Os hotéis da cidade estavam sempre cheios de hóspedes que aproveitavam suas piscinas naturais ou entretinham-se nas mesas de jogo. Nos anos 1950, porém, Poços de Caldas já começava a deixar para trás seu período de luxo



e opulência. Com a proibição dos jogos, os cassinos foram fechados, e as águas termais deixaram, pouco a pouco, de ser valorizadas como medicinais. A cidade que recebera tantos imigrantes italianos desde o século XVIII, porém, acharia neles uma nova economia: as cristaleiras. Apenas dez anos após a chegada de Aldo Bonora, já estavam em funcionamento duas fábricas de vidro: a Cristaleria Bonora e a Cristaleria São Marcos - na verdade, uma expansão da pequena empresa começada pelos irmãos Molinari poucos anos antes. E, em 1965, quando Gianinno Bonora

No final do século XIX, os artistas criadores de peças em vidros de Murano passaram a inovar nas formas e cores

Algumas peças
chegam a custar
até mil reais



alugou sua fábrica para os italianos Mario Seguso e Vitorio e Alamiro Ferro, surgiu mais uma: a Cristais Ca'd'Oro. Hoje, além das três pioneiras, há ainda a Cristaleria Veneza.

A São Marcos, a maior delas, hoje ocupa uma área de 18,5 mil metros quadrados com capacidade de produção total de 1.100 toneladas de produto acabado por ano. No catálogo, mais de 50 linhas e cerca de 500 itens - vasos, castiçais, fruteiras, pesos para papel, garrafas... Nas mais diversas formas, cores e texturas, todas desenhadas pelos irmãos.

Em 2001, os irmãos Molinari, que, além de possuírem duas lojas de fábrica, já distribuíam suas peças para mais de 2 mil lojas de decoração

no Brasil, começaram a investir no mercado externo, participando das feiras de decoração de Frankfurt, Dubai e Milão. Em 2005, seu trabalho chamou a atenção do governo brasileiro, que os convidou para uma exposição no Instituto Cândido Portinari, sede da representação diplomática brasileira em Roma, e para uma mostra itinerante em Veneza, a cidade que propagara pelo mundo a técnica pela qual os dois ficaram famosos.

Em Roma, jornalistas italianos quiseram saber por que dois brasileiros estavam expondo seu trabalho justamente na Itália, o berço do vidro de Murano. Antônio Carlos respondeu que era descendente de italianos, e queria mostrar que

podia criar peças tão belas e artísticas quanto as que vinham dali. "A reação desses jornalistas foi tão surpreendente que um deles me abraçou com tanta força que me elevou do chão, dizendo: 'Bravo! Bravo!'", conta.

Os empresários italianos descobririam, ainda, outra grande diferença na produção do vidro brasileiro. "Na Itália, as pessoas se especializam em determinadas fases da fabricação do vidro, como vidreiro, forneiro, ferramenteiro, designer... No Brasil fomos obrigados a conhecer todos esses setores e adotar a criatividade em decorrência das dificuldades surgidas durante a fase de criação de uma peça, como a falta de estrutura", explica Antônio.

Por dentro da fábrica de vidro

A grande diferença entre o vidro de Murano e os vidros utilitários - usados em construções, por exemplo - é a forma de produção artesanal. Em comum entre as fábricas localizadas em Poços de Caldas há o fato de que os artesãos em geral constroem seus próprios fornos, geralmente com tijolos refratários.

A matéria-prima que dá origem ao vidro é uma mistura de areia e diversos componentes químicos - óxido de sódio, sílica, boro, chumbo. Cada artesão decide quais deles utilizar; a quantidade e o tipo de componente usado determinam, por fim, quão cristalino será o vidro. As cores também são atingidas acrescentando-se metais à mistura: o vermelho, por exemplo, vem do selênio; com o cobre se consegue o azul; a cor verde vem do óxido de potássio.

O mestre-vidreiro coloca, então, a mistura dentro do forno, aquecido a 1.400°C. Lá, o vidro entra em processo de fusão, atingindo uma consistência quase líquida. O vidro de Murano é, quase sempre, modelado com o sopro: com uma espécie de canaleta oca de metal, o artesão retira

o vidro do forno - agora, a consistência passa a ser quase a de um caramelo - e, soprando por esse tubo, começa a dar forma à peça, que depois ganhará volume, curvas e relevos. Depois de ser trabalhada por cerca de dez pessoas - cada uma responsável por uma etapa da produção -, a peça chega às mãos do mestre-vidreiro, que a finaliza e leva ao forno de recozimento, em temperatura bastante inferior (cerca de 550°C). Ali, a peça é resfriada, e sai após 48 horas, pronta para ser lusturada e lapidada.

Na fábrica da Cristais São Marcos há cerca de duzentos funcionários, dos quais a maior parte há pelo menos vinte e cinco anos na empresa. Assim, Antônio Carlos e Paulo Molinari puderam treinar cada um em todas as fases do trabalho. "É a maneira de perpetuar as nossas técnicas, passando-as à geração futura que irá nos suceder", acredita Antônio.

A fabricação de vidro é uma tradição presente na ilha de Veneza desde o século VIII. Nos primeiros tempos, o vidro tinha função primordialmente utilitária, e artesãos italianos - e de outras partes do mundo - produziam principalmente espelhos e objetos de vidro oco, como garrafas e frascos. Em 1291, Veneza já era um pólo que concentrava as fábricas de vidro. Nesse ano, porém, o governo da cidade decidiu transferir todas as fábricas para a ilha de Murano, a cerca de 3 quilômetros ao norte, devido, principalmente, à ocorrência constante de incêndios provocados pelas fábricas. A estratégia garantia, também, que as técnicas de fabricação do vidro ficassem resguardadas pela distância, de modo que outros países não pudessem apropriar-se facilmente desse segredo. Alguns historiadores contam que os mestres-vidreiros tornaram-se praticamente prisioneiros na ilha, longe de qualquer contato com pessoas de outros lugares.

A produção de vidro era, já no século XIV, uma das maiores fontes de renda e comércio da República de Veneza. Nos séculos seguintes,

tanto a cidade quanto a pequena ilha de Murano ficariam conhecidas por suas peças coloridas e artesanais - o famoso "vidro de Murano". Mas os segredos de Murano não ficariam escondidos por muito tempo, e no século XVII começaram a surgir novos centros produtores de vidro, notadamente na França e na Boêmia. Ao mesmo tempo, com a criação de novas rotas de comércio, Veneza deixava de ocupar uma posição estratégica no cenário internacional. Para piorar, em 1797 a cidade foi tomada pelo exército de Napoleão Bonaparte. Os produtores de Murano passaram a ter dificuldade em conseguir matéria-prima, e sofriam com os altos impostos. Em apenas vinte anos, entre 1800 e 1820, mais de dez fábricas de vidro tiveram de ser fechadas. A tradição secular, porém, provou-se mais arraigada do que se poderia pensar, e a partir de 1850 surgiram novas fábricas, produzindo peças cada vez mais inovadoras, em forma, cor e textura. Foi nessa época, com o trabalho de artesãos e empresários como Lorenzo Radi e Antonio Salviati, que as peças de Murano começaram a ganhar o aspecto que hoje reconhecemos como o famoso vidro de Murano, e voltaram a ser exportadas para toda a Europa. Segundo Giorgio Forni, curador da mostra "Mar de vidros - Murano 1915/2000", apresentada no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, em 2007, "a qualidade técnica e a excelência da manufatura sempre foram reconhecidas, porém não até o final do século XIX, quando a produção de Murano ressurgiu com a participação de designers e artistas, que introduziram inovações em suas formas e estilos". Lentamente, os mestres vidreiros passaram a explorar designs mais arrojados e modernos, criando com o vidro as mais diferentes formas. Hoje, as peças de vidro de Murano podem custar até cerca de mil reais, e são amplamente utilizadas por decoradores em ambientes clássicos ou modernos.



Até ficar com a forma
buscada pelos artistas,
as peças passam pelas
mãos de cerca de dez
pessoas, cada uma
responsável por uma
etapa do processo

O mestre-vidreiro
coloca a mistura de
areia e vários
componentes químicos
no forno a uma
temperatura de 1.400°C.
Depois da modelagem,
a peça volta ao forno,
mas desta vez a 550°C